

# REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DE ALUNOS MENORES DE IDADE EM TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE CANOINHAS-SC

CLAUDIA KUNS TOMASELLI<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo teve como principal objetivo identificar os motivos que levam alunos menores de idade a frequentar turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em escolas da rede pública de Canoinhas, do meio rural e urbano. A ideia do trabalho foi a de entender por que alunos tão jovens deixam de frequentar o Ensino Fundamental e qual é a posição da família desses alunos em relação à escolha pela EJA. Este trabalho investigou, ainda, como se dá a relação entre esses sujeitos adolescentes e o público de outras idades que frequentam as aulas da EJA. A diversidade etária em sala de aula, muitas vezes, relatada por professores como um desafio ou, até mesmo, um problema, também foi apurado. O estudo teve como base de análise a aplicação de questionário contendo perguntas abertas e fechadas a 12 alunos de duas escolas do município. Os resultados obtidos a partir da análise dos dados permitiu entender melhor as motivações e anseios desses alunos tão jovens que procuram a EJA, possibilitando uma educação mais inclusiva, além de conhecer as possibilidades, dificuldades, vantagens e desvantagens de trabalhar com a heterogeneidade etária, cultural e social na modalidade em questão.

**Palavras-chave:** Adolescentes. Educação de Jovens e Adultos. Contexto social. Heterogeneidade etária.

## 1 Introdução

É fato que a Educação de Jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de ensino muito importante para a reinserção de pessoas à escola, possibilitando a elevação da escolaridade e uma melhora nas condições de vida dessas pessoas. Há que se pensar, entretanto, nas vantagens e desvantagens do ingresso de alunos muito jovens em turmas de EJA. O ingresso de alunos que têm 15 anos completos em turmas dessa modalidade é previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, mas há controvérsias a respeito dessa possibilidade. Pinto (2010) afirma que “os problemas pedagógicos (a matéria a ensinar, os currículos, os métodos) correspondentes a cada faixa etária são distintos”.

Assim, busca-se neste estudo entender por que alunos tão jovens trocam a Educação Básica pela EJA, que apresenta características bastante específicas para um público jovem e adulto. Para tanto, serão investigados os motivos que levam esses alunos a ingressarem na EJA no município de Canoinhas-SC, em todas as escolas que oferecem a modalidade e que

têm alunos menores de idade matriculados.

Acredita-se que a partir dos dados coletados seja possível entender as motivações desses alunos a frequentarem a EJA, buscando formas de incentivar alunos a terminarem as etapas de estudos na idade correta, na modalidade da Educação Básica.

Assim, a seguinte pergunta de pesquisa foi delimitada para guiar este trabalho:

Quais os principais motivos que levam alunos em idade escolar, entre 15 e 17 anos, a ingressarem na Educação de Jovens e Adultos em Canoinhas – SC?

## **2 A presença do aluno menor de idade na educação de jovens e adultos**

Ao longo dos últimos anos a legislação educacional que regulamenta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem buscado a elevação da escolaridade da população brasileira. Para tanto, os documentos que se referem a essa modalidade procuram atender aos anseios de um público que vê a volta aos estudos como uma possibilidade de ascensão no mundo do trabalho, senão a única forma para isso. O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), por exemplo, é uma política pública instituída no Brasil e que representa um caminho interessante para quem quer completar a educação básica e estar mais preparado para o trabalho.

A Educação de Jovens e Adultos passou a ter essa denominação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996, quando substituiu o Ensino Supletivo. Essa mudança foi extremamente importante para a valorização da modalidade, que passou a deixar de lado a ideia de que a EJA tinha como objetivo a suplência, a recuperação das séries perdidas. A LDB de 1996 possibilitou que a EJA, como modalidade da Educação Básica com características próprias, tivesse a sua organização de ensino de forma mais flexível e compatível com o público a ser atendido (RAMOS; BREZINSKI, 2014).

Todos os avanços em relação à Educação de Jovens e Adultos não encerram os problemas que envolvem essa modalidade. A indefinição do público-alvo a ser atendido pela EJA, por exemplo, pode representar um entrave para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Isso porque a LDB de 1996 rebaixou a idade mínima de ingresso na modalidade; passou de 18 para 15 anos para o Ensino Fundamental, e de 21 para 18 anos para o Ensino médio. (HADDAD; Di PIERRO, 2000). Têm-se, assim, na mesma sala, alunos que

voltaram aos estudos depois de anos fora da escola, com o intuito de buscar uma vida melhor por meio do estudo e, dessa forma, resgatar a cidadania; e alunos extremamente jovens que, muitas vezes, estão frequentando a escola, mas com certa defasagem de idade em relação ao ano escolar, e outros que pararam de estudar por um curto período de tempo, mas que ainda não perderam a identidade de aluno da Educação Básica. Desse modo, certamente a maneira como é feita a formação de jovens e adultos não reflete os objetivos da modalidade, visto que a ideia não é compensar a educação básica perdida anteriormente, mas sim buscar formas de atender às necessidades formativas dos jovens e adultos afastados da escola. Assim, “as políticas de formação de pessoas adultas deverão ser necessariamente abrangentes, diversificadas e altamente flexíveis.” (Di PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 70)

Também nesse sentido, Haddad e Di Pierro (2000) afirmam que a Educação de Jovens e Adultos, que tinha como objetivo primeiro democratizar a formação de adultos trabalhadores, tem perdido a sua identidade quando cumpre a função de aceleração de estudos de jovens com defasagem série-idade e regularização do fluxo escolar.

Esse aumento de alunos tão jovens na EJA reflete sérios problemas sociais e educacionais no Brasil. O desafio da EJA, atualmente, vai além de expandir as vagas para jovens e adultos analfabetos, que nunca frequentaram a escola ou que está há muito tempo longe da sala de aula; a problemática está também no fracasso escolar de milhares de adolescentes e jovens que não encontraram sentido nos processos de ensino e aprendizagem nos bancos escolares regulares (HADDAD; Di PIERRO, 2000).

Infelizmente, dados que se referem à educação no Brasil ainda são desanimadores, apesar de o país ter evoluído de maneira considerável nas últimas décadas principalmente em relação à queda da taxa de analfabetismo. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apenas 57,2% dos jovens de 15 a 17 anos apresentam formação completa no Ensino Fundamental, ou seja, pouco mais da metade dos adolescentes no Brasil acaba essa etapa do Ensino Básico nessa faixa etária. Ainda de acordo com o estudo, o Brasil é um dos campeões da evasão escolar no mundo e nossos resultados em testes de conhecimentos estão entre os piores (PNUD, 2013).

Parece óbvio para muitos que a formação na Educação Básica é uma etapa importantíssima para o desenvolvimento das pessoas. Como, então, explicar esse contrassenso? Sabe-se que a partir do estudo há a possibilidade de alcançar melhores vagas de emprego e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, todavia muitos jovens abandonam (ou são permitidos por seus pais a abandonarem) o estudo porque querem trabalhar, ter um ganho extra para ajudar a família ou, simplesmente, para ter dinheiro que possibilite a aquisição de

objetos de desejo, como roupas e celulares. É claro que esse não é o único motivo para a evasão escolar; muitas são as causas que levam adolescentes a desistir da escola, mas parece que isso acontece muito facilmente no Brasil. Qualquer motivo é um bom motivo para largar a escola, fazendo com que o país apresente uma taxa de evasão que supera os 24%, ao contrário do que ocorre em outros países da América do Sul, como a Argentina (6,2%), Uruguai (4,8%) e o Chile (2,6%) (PORTAL BRASIL, 2013).

É certo que para alguns grupos deixar de concluir o ensino básico é algo impensável. A problemática reside nos grupos para os quais a educação básica não faz parte do que lhes é importante cultural e socialmente, nem de sua experiência familiar e, desse modo, esses jovens, geralmente não são incentivados, nem cobrados para continuar os estudos (KRAWCZYK, 2009).

Portanto, é necessário investigar qual é a imagem que os adolescentes têm a respeito do estudo e se essa imagem muda quando passam a frequentar a EJA. Qual é a importância que eles dão à escola, o que esperam dela e o que acham que o estudo possibilita para suas vidas são questões que podem direcionar políticas educacionais para agirem em prol da valorização do meio escolar e do ato de estudar, a fim de que todos encontrem nos estudos algo significativo para sua existência.

## **2.1 A relação do aluno adolescente com alunos adultos nas turmas da EJA**

A escola sempre foi um espaço de diversidades. Pensar em alunos iguais é um dos maiores erros que um professor pode cometer. Almejar que todos pensem ou aprendam da mesma forma é um pensamento muito simplista e que vai gerar insatisfação em todos os atores do processo de ensino e aprendizagem.

É de extrema importância que quem faça a educação entenda que cada aluno é diferente, porque tem origens diversas, convicções, histórias diferentes. De acordo com Freire (1996, p. 64): “Não é possível respeito aos educandos, a sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se leva em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiência feitos com que chegam à escola”.

A diversidade deve ser sempre respeitada e tida como um fator positivo em grupos, visto que é nas diferenças que as pessoas se completam, trocam e aprendem. “A diversidade com que a coletividade e os sujeitos em particular se expressam revela as múltiplas raízes sociais, culturais e políticas que possibilitam os diálogos entre esses, em especial na sala de

aula.”(KERN; AGUIAR, 2014, P.28).

Quando se fala em EJA, entretanto, a questão da diversidade etária pode ser, muitas vezes, tida como um gerador de conflitos e, dessa forma, é preciso que os educadores tenham um olhar mais cuidadoso para esses grupos. É certo que, se bem conduzida, a relação entre alunos de idades tão diferentes pode se transformar em algo enriquecedor e muito produtivo. De acordo com Kern e Aguiar (2014), a diversidade de gerações numa mesma sala de aula pode provocar problemas como desconfiança, receio e muitas inquietações entre os estudantes, visto que é comum ter em grupos assim, adolescentes, jovens, adultos e idosos, todos com saberes, valores e experiências muito distintas. Por isso, tal modalidade de ensino necessita de interações contínuas, permanentes, que estimulem as aprendizagens de forma colaborativa e cooperativa. Assim, “A mediação docente torna-se fundamental para que as relações intergeracionais sejam um fator de multiplicação de conhecimentos, diálogos e aprendizagem, não de exclusão e diferenciação.” (KERN; AGUIAR, 2014, P.29).

Infelizmente, essa heterogeneidade está longe de ser vista como algo positivo. Ela é, com frequência, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores da EJA, e que é sempre assunto nas reuniões pedagógicas. A heterogeneidade das turmas de alunos jovens e adultos numa mesma sala de aula não permite que a maioria dos professores façam disso uma possibilidade de trocas de experiência e acabe se tornando uma situação de conflito nas turmas (PICONEZ, 2002). Sem a mediação correta, o adolescente continua a ver o adulto ou idoso como alguém que está presente para julgá-lo ou recriminá-lo, como uma figura parecida com a do professor, e o adulto e idoso percebem-se inferiores aos adolescentes, por estes terem uma relação mais próxima da escola.

Além de todas essas questões há ainda que se lembrar da frequente confusão que se faz entre o Ensino Básico e a EJA. Não cabe em uma sala de alunos jovens e adultos aplicar atividades que são desenvolvidas para crianças. Como já se falou aqui, é preciso respeitar as vivências desse aluno, aquilo que ele já sabe. Por isso a importância de se preparar o currículo voltado a esse público, a atender as suas necessidades, a buscar a formação de um ser pensante, que age, que transforma. O currículo deve ser pensado cuidadosamente a fim de se evitar a apresentação de aulas infantilizadas que fazem com que esses alunos se sintam minimizados.

### **3 Metodologia**

Para a realização desta pesquisa, foram analisadas duas escolas do município de

Canoinhas-SC que oferecem Educação de Jovens e Adultos. Uma dessas escolas está localizada em uma comunidade bastante distante da área urbana e pertence à rede municipal de ensino. A outra, da rede estadual de ensino está inserida no centro da cidade, mas atende a alunos de vários bairros de Canoinhas, alguns até de localidades do interior.

A ideia inicial deste estudo era aplicar o questionário a 20 alunos que estavam matriculados na rede municipal no ano de 2014, mas que acabaram se formando sem que pudesse ter tempo hábil para aplicar o questionário. Desse modo, com o atraso do início das aulas no ano de 2015, muitos alunos da EJA ainda não tinham iniciado as aulas no mês de março, impossibilitando a pesquisa com esse público. Assim, apenas uma escola municipal foi analisada e buscou-se o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) que atua no município. Nas duas escolas há a presença de alunos entre 15 e 17 anos frequentando a EJA.

A população de interesse desta pesquisa consistia em 12 alunos e foi utilizado um percentual de cem por cento da população, evidenciando-se o pequeno número de alunos matriculados até o momento em questão, para a realização da coleta de dados.

Para a aplicação do questionário na escola distante da área urbana, onde estava matriculado um aluno menor de idade, uma sala separada foi utilizada para que o adolescente pudesse responder às perguntas, sem que houvesse interferências dos demais alunos. O aluno assinou o termo de consentimento livre e esclarecido, foram explicados os objetivos da aplicação do questionário pela pesquisadora e ele passou a responder às perguntas.

Na escola da área central, os procedimentos foram parecidos. A aplicação do questionário aconteceu em sala separada, sem contato com os demais alunos. Primeiro, um grupo de cinco alunos de uma sala respondeu às perguntas. Depois o questionário foi aplicado a duas alunas de outra sala, adotando-se o mesmo procedimento. Nessa mesma escola, no período matutino, outros quatro alunos responderam às questões, também em sala separada. Durante todo o período da coleta dos dados, a pesquisadora permaneceu com os alunos, observando-os e incentivando-os a responderem com franqueza, retratando a realidade.

Depois de coletados os dados por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas, foi realizada a análise das respostas dadas pelos alunos. A análise das respostas foi feita de forma manual, a partir da tabulação dos dados e da análise do conteúdo.

O presente trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa explicativa, visto que busca identificar os fatores que contribuem para o ingresso de alunos que têm entre 15 e 17 anos em turmas de EJA no município de Canoinhas - SC. De acordo com Gil (2002, p.42) “esse é o

tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. Além de registrar e estudar as situações de interesse do pesquisador, a pesquisa explicativa tem por objetivo encontrar as suas causas (SEVERINO, 2007, p.123 *apud* ZWIEREWICZ, 2014).

A abordagem utilizada neste estudo foi a análise qualitativa dos dados. A escolha desse tipo de tratamento dos dados deu-se pois a intenção deste estudo é a de compreender os motivos da problemática apresentada, sem a necessidade de utilizar um instrumento estatístico a fim de numerar ou medir unidades ou categorias de modo homogêneo (RICHARDSON, 1999, p. 79 *apud* ZWIEREWICZ, 2014).

A partir da aplicação do questionário, a análise teve início, partindo da observação do momento da coleta dos dados, em que foi possível ter as primeiras impressões sobre o processo que estava sendo analisado. Todo esse processo da análise dos dados aconteceu de forma reflexiva e comparativa, a fim de construir categorias e estabelecer padrões, relacionando essas análises a estudos já existentes relacionados à diversidade etária em turmas de EJA.

#### **4 Discussão dos resultados**

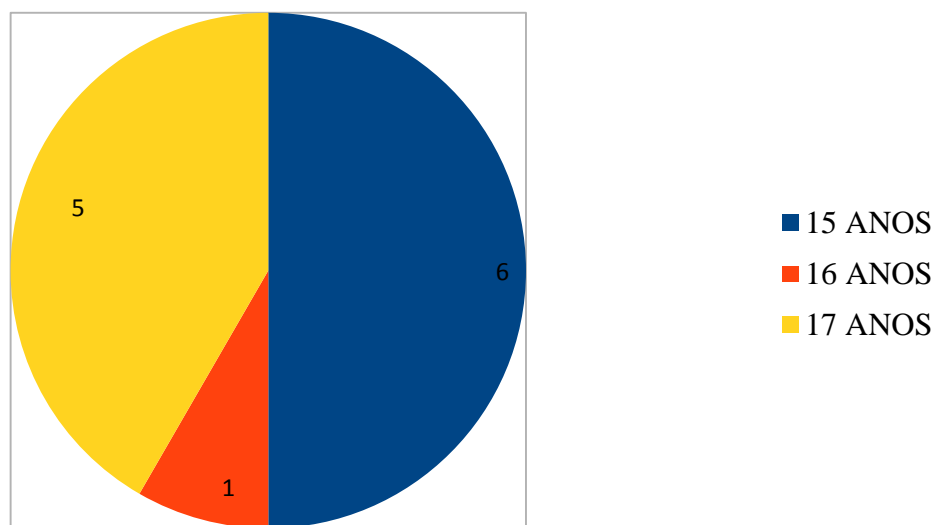
A partir dos dados coletados por meio da aplicação dos questionários, pôde-se ter a percepção de vários fatores relevantes sobre a presença de adolescentes em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

As primeiras questões, relativas à identificação dos sujeitos participantes da pesquisa, consistiam em nomear a escola, a série que estavam cursando, destacar a idade e o sexo dos participantes.

Como já foi apresentado, um aluno, do sexo masculino, pertencia à escola municipal da área rural e tinha 17 anos. Dos outros onze, da escola estadual localizada no centro da cidade, seis eram do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Quatro tinham 15 anos, três tinham 16 e quatro, 17 anos.

Após os dados de identificação, a primeira pergunta indagava a idade em que

ingressaram na EJA. Seis alunos responderam que iniciaram na EJA aos quinze anos, um aos dezesseis e cinco aos dezessete anos (FIG. 1).



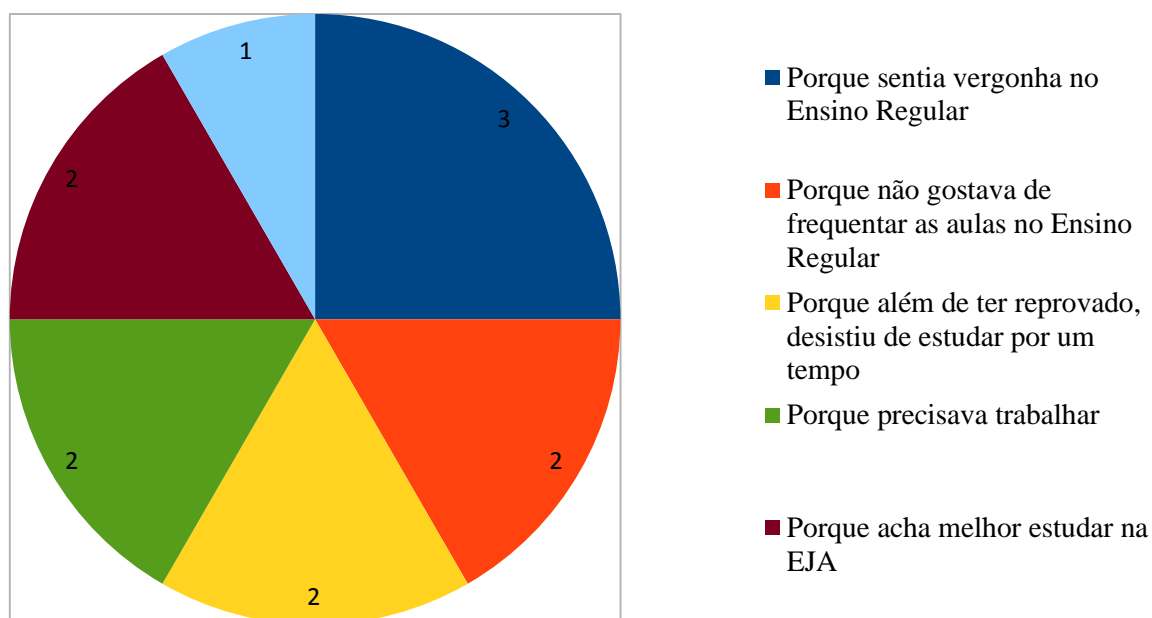
**FIGURA 1: Idade de ingresso na EJA**

A maioria dos alunos entrevistados ingressou na EJA já com quinze anos, demonstrando que assim que a legislação permite alunos com defasagem de idade em relação à série indicada ingressam na EJA.

A segunda pergunta questionava se os alunos já haviam reprovado em alguma série. Cem por cento dos alunos afirmaram que haviam reprovado. Quatro disseram que reprovaram uma vez, e oito que reprovaram duas ou três vezes. Um desses alunos indicou que reprovou três vezes na quinta série. Pode-se aqui fazer uma reflexão profunda acerca da reprovação escolar como um fator de exclusão, segregação e até evasão escolar.



A terceira pergunta era referente aos motivos de frequentar a EJA, em vez de cursar o ensino regular. Três alunos afirmaram que tinham vergonha de estudar com alunos mais novos, devido até a diferença de tamanho entre eles. Uma das alunas citou o preconceito que sentia no ensino regular por parte dos outros alunos. Dois alunos, além de terem reprovado, desistiram de estudar por algum tempo, aumentando a dificuldade em retornar ao ensino regular. Um dos alunos reprovou três vezes e começou a trabalhar durante o dia, o que o fez escolher a EJA no período noturno. Uma disse que não tinha vaga na escola regular, assim escolheu a EJA. Dois disseram que não gostavam de estudar. Um desses, disse que é melhor na EJA porque estuda três vezes por semana. O outro disse que queria ajudar os pais em casa, pois mora no interior. Outros dois responderam que acham melhor a EJA (FIG 2).



**Figura 2: Motivos que levaram os alunos adolescentes a frequentar a EJA.**

A observação das respostas, revelando os motivos para o ingresso na EJA, deixa clara a preocupação que muitos deles têm em relação às diferenças de idade e tamanho, gerando o desconforto em frequentar uma turma em que a maioria dos alunos é mais jovem. Aqueles alunos que reprovaram e evadiram, muito provavelmente sentiram a angústia de conviver com alunos de idades e tamanhos bem diferentes dos deles. Quando outros alunos respondem que acham melhor, simplesmente, pode também representar que não se sentiam bem no ensino regular. Em relação a essa maior identificação com a EJA, fica evidente o quanto questões emocionais podem influenciar o desenvolvimento de um aluno. Oliveira (1999, p.21) afirma

que “a exclusão da escola coloca os alunos em situação de desconforto pessoal devido a aspectos de natureza mais afetiva, mas que podem também influenciar a aprendizagem. Os alunos têm vergonha de frequentar a escola depois de adultos [...]”. Para Haddad e Di Pierro (2000) os índices de reprovação acentuados, a evasão e o reingresso no sistema escolar geram grande defasagem na relação idade/série ideal, contribuindo para a exclusão escolar.

Esta é a marca da Educação de Jovens e Adultos: a exclusão escolar e social, gerada por diversos fatores, como a necessidade de trabalhar; horários e exigências incompatíveis com as responsabilidades assumidas; a falta de vagas, de professor, de material; a falta de perspectivas frente aos estudos (FONSECA, 2007). Assim sendo, é muito importante que a EJA represente um espaço de resgate e de reflexão para esses jovens que buscam novamente uma chance de garantir o seu direito de estudar.

A pergunta de número quatro questionava até que série os pais haviam estudado, com a intenção de entender o contexto escolar na família desses alunos. Para entender a formação escolar dos pais, observa-se a Tabela 1.

**Tabela 1: Formação escolar dos pais dos alunos**

Parentesco	Analfabeto	Até a 5ª série	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Não informou
Pai	0	6	2	3	1
Mãe	1	7	2	2	0

A partir dos dados apresentados na tabela acima é possível verificar a pouca escolaridade da maioria dos pais dos alunos investigados, sugerindo que a realidade familiar em relação aos estudos tende a ter continuidade com os filhos. Isso não é regra, visto que muitas são as histórias de jovens com um nível de escolaridade elevado provindo de famílias de baixa instrução. Entretanto, esse dado somado a outros fatores, pode ter contribuído para o contexto escolar dos alunos em questão.

A pergunta seguinte trouxe alguns dados sobre o incentivo dado pelos pais para a formação escolar dos filhos. Ao serem perguntados sobre como os pais se posicionam em relação aos estudos, se os incentivam e acompanham os alunos, em sua maioria, responderam que sim. Todavia, há que se observar alguns detalhes nas respostas dos alunos. Quatro dos adolescentes disseram que não tinham incentivos dos pais: um por ter a mãe falecida e o pai estar preso; a outra pelo fato de estar casada e não morar mais com a mãe; o terceiro disse que

tem "um pouco" de incentivo, mas em seguida afirmou que não há diálogo em sua família; e a quarta disse que era a própria mãe quem pedia que ela ficasse em casa, deixando a escola, pois a mãe tinha depressão. Outros dois disseram que os pais pedem para estudar, mas não acompanham. Uma aluna disse que o pai acompanha mais de perto, mas que "a mãe não liga muito". Uma disse que os pais pedem que estude e vivem brigando para ir à escola. Um citou que os pais incentivam para poder encontrar emprego. Quatro afirmaram que incentivam e acompanham bastante seus estudos.

Essas respostas revelam dados importantes para esta pesquisa, direcionando, novamente, para a importância que a família tem para o sucesso e êxito das crianças e adolescentes nos estudos. Quando um estudante, que já apresenta dificuldades de aprendizagem na escola, não tem um apoio, ou incentivo da família, vê a desistência como uma saída bastante conveniente para o fim de seus problemas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), em seu Artigo 2º, faz referência ao papel da família na educação: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, LDB nº 9.394/1996).

Entretanto, não se pode jogar a culpa para o fracasso escolar apenas sobre a família do aluno. De acordo com Arroyo (1999) responsabilizar o aluno e a família pelo fracasso escolar significa inocentar a escola, o Estado e demais instâncias da sociedade. O mesmo aluno que é excluído da escola, também não tem assegurados outros direitos básicos, como saúde e segurança. Ainda segundo Arroyo (1999, p.23), “[...] falar em aluno evadido é responsabilizar o próprio povo por sua pobreza, subemprego, baixos salários, sua ignorância e fracasso escolar”. Assim, Arroyo defende que o aluno não evade, mas é excluído da escola.

Fornari (2010, p.116) corrobora com a preocupação de Arroyo, quando afirma que o “[...] êxito não depende apenas da formação específica do pai ou da mãe, mas, sim, do nível cultural global da família como um todo. Contudo, essa condição familiar não é fruto da vontade própria dessa família, mas, sim, do contexto onde está inserida”.

A pergunta número seis questionava se os pais apoiavam o ingresso dos filhos na EJA, em vez de frequentarem o ensino regular. Três alunos responderam que foram os próprios pais quem sugeriram que fizessem a matrícula na EJA. Um disse que os pais preferem que

frequente a Educação de Jovens e Adultos. Outros cinco afirmaram que os pais apoiam, porque acham que é melhor, porque acabam os estudos mais rapidamente ou porque os filhos tiveram problema no ensino regular. Um não tem a opinião do pai, pois está preso, e outra afirmou que os pais não falam sobre isso. Uma adolescente disse que é o seu marido quem a incentiva, pois ela não mora mais com a mãe.

Novamente a questão familiar revela aspectos importantes em alguns casos. Em dois deles fica nítido que não há incentivo, apoio ou orientação familiar; em um dos casos por não estar em contato com os pais e no outro pelo relacionamento distante entre a própria família. A outra situação que chama atenção é o da garota que, com dezesseis anos, já vive com seu marido. Ela cita que ele a apoia a estudar. Essa mesma garota foi a que parou de estudar porque a mãe era depressiva e pedia que a filha ficasse em casa em vez de ir à escola.

As atitudes dos participantes das diferentes classes sociais, sejam pais ou crianças, em relação à escola, à cultura escolar e ao futuro oferecido pelos estudos, muitas vezes, expressam o sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à posição social que ocupam (FORNARI, 2010, p. 117).

A sétima pergunta pedia que os alunos classificassem a EJA, indicando as diferenças entre esta e o ensino regular. Sete alunos destacaram que aprendem mais na Educação de Jovens e Adultos; alguns destacaram que as aulas são melhores, outros que são mais interessantes e outros que os professores têm mais paciência. Três alunos classificaram a EJA como mais fácil e dois citaram que é diferente pelo fato de estudarem com pessoas de idades variadas. Um deles comentou que é diferente, porque no ensino regular não estudava com ninguém que não sabia ler, e agora há alunos que não são alfabetizados.

As respostas dadas à questão sete chamam a atenção para a aprovação dada pelos alunos à EJA. Nenhum comentário feito pelos jovens alunos classificou o ensino dado nessa modalidade de forma negativa. Ao contrário, algumas respostas foram bastante enfáticas em relação ao aprendizado na EJA, tal como o de uma aluna de dezesseis anos: “É bom porque eu estou aprendendo coisas que eu não aprendi na escola. Estou amando matemática, antes eu tinha pavor”. O aluno da escola que fica no interior do município também destacou pontos importantes: “Prefiro a EJA. Achei diferentes os colegas e as matérias, pois a professora explica e eu me sinto mais à vontade”. Outra aluna de quinze anos afirmou: “É diferente, é melhor, eu entendo melhor, a professora tem mais paciência”. Esses comentários demonstram que esses alunos têm se sentido bem nesses espaços e, mais importante que isso, têm

conseguido aprender, o que talvez não era possível entre alunos mais jovens, no ensino regular.

Rosa e Prado (2008, p. 108) alertam para o trabalho diferenciado que o educador de EJA deve ter ao trabalhar com esse público. “A sensibilidade em observar as necessidades dos alunos deve ser afluída, uma vez que a maioria dos alunos de EJA já sofreu em suas vidas um processo de exclusão e fracasso escolar”. Assim, manter um olhar cuidadoso e acreditar na capacidade desses alunos de aprender é essencial para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem da EJA.

A oitava pergunta era “Como você se sente estudando com pessoas de idades diferentes da sua?”. Todos os alunos responderam que se sentem bem estudando com os mais velhos. Uns destacaram que é bom, pois os mais velhos têm mais experiências de vida e os mais novos podem ajudar com as matérias mais difíceis. Outros comentaram sobre o respeito que os mais velhos têm com eles, fazendo com que se sintam melhor na EJA. Outros escreveram que estudam mais à vontade com os mais velhos.

Na sequência, a penúltima pergunta questionava sobre como os alunos percebiam a diversidade de idades entre eles e os alunos mais velhos da EJA, pedindo que explicassem como era o relacionamento em sala. Confirmando as respostas da pergunta anterior, apenas uma aluna afirmou que às vezes há alguns desentendimentos com os homens machistas, mas entre as mulheres e meninas não há problemas. Todos os outros onze alunos destacaram que consideram bom o relacionamento, que todos são tranquilos, que fazem trabalhos em grupos, que se ajudam mutuamente, que conversam bastante e que acham normal a diversidade de idades na sala de aula.

Essas respostas foram uma grata surpresa neste trabalho, pois se esperava que os relacionamentos entre os mais jovens e mais velhos fossem mais tensos, mais conflituosos, devido às diferenças culturais entre eles. Ao contrário do que se pensava, muitos dos alunos adolescentes veem nas salas da EJA espaços em que podem se manifestar de forma mais aberta, pois sabem que as brincadeiras, gozações e preconceito contra eles não existirão, como é frequente no ensino regular. Esses alunos percebem a EJA como um porto seguro em que podem encontrar aprendizagem e respeito, em que podem perguntar sem medo de se sentirem diminuídos pelos alunos que não têm defasagem etária na série em que estudam e que, finalmente, podem se sentir iguais aos demais, mesmo estando em meio a pessoas de idades bastante variadas.

A questão número dez deixava um espaço aberto para demais considerações dos alunos. Três alunos responderam, elogiando a EJA da seguinte forma: “A turma é legal e interessante”; “Nosso estudo é bom”; e “Estar estudando aqui é ótimo”. Os outros alunos não responderam a essa pergunta.

De acordo com Piconez (2002) é preciso buscar a universalização da qualidade da educação, que se faz a partir do compromisso político com o desenvolvimento humano. Não há como se desenvolver projetos competentes, sem a formação de pessoas competentes. A formação do sujeito coletivo, cidadão e, portanto, participante do mundo onde vive se dá pela educação escolar que é o fator central do desenvolvimento humano.

## **Conclusão**

A partir deste estudo foi possível fazer uma série de verificações em relação a diversos contextos que envolvem a presença de alunos menores de idade em turmas de Educação de Jovens e Adultos, fazendo com que algumas ideias pré-concebidas caíssem por terra.

Em relação aos motivos que levam esses alunos a frequentarem a EJA, ficou claro que fatores como a defasagem idade/série, as dificuldades de aprendizagem, o preconceito e a necessidade de trabalhar têm uma influência muito grande na escolha pela Educação de Jovens e Adultos. Além das questões familiares, mostrando que o apoio e o acompanhamento da família são essenciais para que crianças e adolescentes vejam os estudos como algo importante para suas vidas. Assim, escola e família não devem medir esforços para que o aluno tenha sucesso e êxito no seu processo de aprendizagem, evitando a sua exclusão escolar, visto que dificilmente uma criança ou adolescente evade da escola, mas sim, é excluída ou excluído.

Vale ressaltar que, embora a família seja responsável pelos direitos das crianças e dos adolescentes, o que inclui o direito à educação, muitas vezes ela não tem a capacidade de lidar com os problemas sociais em que está inserida. Assim, não se pode simplesmente apontar a família como a culpada pelo fracasso escolar desses alunos, pois ela também é vítima de questões de pobreza, de discriminação e de injustiças.

Tem-se, portanto, um conjunto de fatores, que envolve escola, família e Estado, que contribui para que alunos em idade tão precoce não tenham mais espaço no Ensino Regular.

Outro fator relevante da pesquisa foi a resposta em massa dos alunos qualificando a EJA como um espaço de convivência harmoniosa, de respeito e de aprendizagem facilitada. Em nenhum momento houve destaque para conflitos devido à heterogeneidade etária, o que é um fator muito positivo, mostrando que a diferença de idades e realidades numa mesma sala nem sempre representa problemas. É certo também que este não é o contexto da maioria das turmas de EJA, talvez a forma com que a equipe pedagógica planeja, articula e lida com as dificuldades faça a diferença nesses espaços.

Assim, considera-se que o presente estudo alcançou o seu objetivo e, a partir dele, pode-se compreender situações bastante importantes sobre a presença de alunos menores de idade em turmas de EJA e as relações que se estabelecem nelas.

## REFEFÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. (1999). A escola possível é possível? In: ARROYO, Miguel G. (org.). **Da escola carente à escola possível**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação de 2014**. Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/doc/pne-2014-20241.pdf> Acesso em: 16 jul 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2015.

DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>. Acesso em 19 mai 2014.

FONSECA, Maria da Conceição F.R. **Educação matemática de Jovens e Adultos: Especificidades, desafios e contribuições**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FORNARI, Liamara Terezinha. Refl exões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 1, Passo Fundo, p. 112-124, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/viewFile/2027/1260>. Acesso em: 05 abr. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M.C. Aprendizagem de jovens e adultos: Avaliação da década da educação para todos. **São Paulo em Perspectiva.** v.14. n.1. São Paulo jan./mar. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 06 abr. 2015.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>. Acesso em 19 mai 2014.

KERN, C.; AGUIAR, P.A. **Sujeitos da diversidade.** Florianópolis: IFSC, 2014.

KRAWCZYK, Nora. **O ensino Médio no Brasil.** São Paulo: Ação Educativa, 2009. (Em Questão, 6). Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2342/1/emquestao6.pdf>. Acesso em: 15 abr 2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl de (1999). Jovens e Adultos como Sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de Jovens e Adultos: Novos leitores, novas leituras.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de jovens e adultos.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 16.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PORTAL BRASIL. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/11/mec-cria-grupo-para-examinar-cao-de-evasao-escolar>. Acesso em 08 fev. 2015.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 2013.** Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-educacao.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2015.

RAMOS, E. E. L.; BREZINSKI, M. A. S. **Legislação Educacional.** 2 ed. Florianópolis: IFSC, 2014.

ROSA, A. C. S.; PRADO, E. **Educação De Jovens E Adultos: As Dimensões Política,**



Profissional E Pessoal Na Formação Docente. Olhar de professor. Ponta Grossa: 103-122, 2008. Disponível em:  
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1502/1147>. Acesso em 01 abr. 2015.

ZWIEREWICZ, Marlene. **Seminário de Pesquisa e Intervenção I**. Florianópolis: IFSC, 2014.

---

<sup>i</sup> Claudia Kuns Tomaselli  
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, Câmpus Canoinhas.  
Licenciada em Letras, Especialista em Informática na Educação.  
[claudia.tomaselli@ifsc.edu.br](mailto:claudia.tomaselli@ifsc.edu.br)